

**O sertão está em toda parte?
Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa**

**Is the Backcountry Everywhere?
Horsemanship and Nationality in Guimarães Rosa**

Everton Demetrio¹

Resumo: A obra de Guimarães Rosa desenha um movimento que articula, em maior ou menor grau, a realidade geográfica e humana do sertão com os grandes temas do debate sobre a nação. A representação do Brasil estaria na passagem entre os caracteres do espaço sertanejo e o imaginário sobre a formação da comunidade concebida como nacional. Nesse sentido, este texto elabora uma reflexão sobre os caracteres do sertão real e imaginário do autor mineiro e sua importância para a construção da leitura da obra enquanto narrativa sobre a formação do Brasil.

Palavras-chave: Sertão, Nação, Guimarães Rosa

Abstract: The work of Guimarães Rosa draws a movement that articulates a greater or lesser extent, geographical and human reality of the hinterland with the great issues of the debate over the nation. The representation of Brazil was in the passage between the characters of the backcountry space and the imaginary about the formation of a national community conceived. In this sense, this paper develops a reflection on the character of the real and imaginary hinterland mining author and its importance for the construction of the work while reading narrative about the formation of Brazil.

Keywords: Hinterland, Nation, Guimarães Rosa

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professor da rede pública de ensino da cidade de João Pessoa (PB); e-mail: evertondemetriopb@gmail.com.

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

O senhor sabe o mais que é, de se navegar sertão num rumo sem termo, amanhecendo cada manhã num pouso diferente, sem juízo, nem raiz? Não tem onde se acostumar os olhos, toda firmeza se dissolve... o sertão tonteia (Grande Sertão Veredas, 331).

I

“Há um comportamento de eternidade nos caramujos”, isso nos diz um poeta dos gerais, dos interiores brasílicos, Manoel de Barros. Guimarães Rosa o segue numa mesma confraria: “o sertão é uma espera enorme”; veleidades de um espaço que se esquece demorado. Tanto Rosa quanto Barros falam do e sobre o sertão, respectivamente. Falam da velocidade de um espaço, de um tempo todo deles (nosso?), vigente dentro do homem.

Em não sendo uma realidade geográfica dada a priori, localizável, o sertão é o acúmulo da experiência; experiência com o espaço. Em verdade, tem-se uma paisagem imaginada como sertão, não como dado externo palpável, sendo, ao fim, elaboração estética. É, portanto, dotada de imaginário, de conteúdos simbólicos e subjetivos, bem como pode servir a fins políticos e ideológicos.

João Guimarães Rosa, sobretudo, sugere aos que se aventuram nas suas páginas uma percepção de mundo nada unidirecional, contrária a qualquer lógica que aponte um único sentido como prática de bom senso ou de senso comum; não dispõe de identidades fixas: “Decido? Divulgo: que as coisas começam deveras é por detrás, do que há, recurso; quando no remate acontecem, estão já desaparecidas”, isso nos diz o protagonista do conto “Antiperipléia”, de *Tutaméia* (1967). Ainda em *Tutaméia*, a lógica plana do real jaz contrariada; é o que nos deixa entrever o narrador do conto “Desenredo”: “Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu”.

Há toda uma profusão de imagens em Guimarães Rosa configurando tempos e espaços diversos de modo dinâmico, desvirtuando no plano textual toda uma lógica cartesiana – de causa e efeito – de figurar o mundo visível, haja vista, o que nos

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

conta o narrador de "Espelho", de *Primeiras estórias* (1962): "Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo". A unidade do mundo e do homem rosiano se desmaterializa enquanto existência segura. Desse modo, os referenciais físicos centrados perdem a razão de ser no âmbito daquela narrativa, sugerindo um universo de agenciamentos múltiplos. Chega-se, então, a questão fundante do conto acima referido: "[...] despojara-me, ao termo, até à total desfigura. E a terrível conclusão: não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma?" (ROSA, 1994, p. 441).

Do plano do humano para o espaço, "sujeito" movente, impreciso, as imagens ou miragens do sertão em Rosa convertem-se em travessias para leitores. Compromisso assumido com a vitalidade do mundo e as virtualidades do real. "Quando se vem vindo sertão a dentro, a gente pensa que não vai encontrar coisa alguma", observa o narrador da novela "Buriti", de *Noites do Sertão* (1965), chamando a atenção para a aparente ermidão daquele espaço. Estas palavras nos conduzem a outras, reflexão de Riobaldo: "...o sertão está em movimento todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos" (ROSA, 2001, p. 533). Rosa, poderíamos dizer, "deixa" insurgir do lugar sertão as energias de um mundo imemorial, originário, dotado de um dinamismo corruptor – ... *o diabo no meio da rua, no redemoinho* –, ao mesmo instante uno e múltiplo. Recuperando uma rica metáfora de Octavio Paz, diria que Guimarães Rosa "procura na realidade esse ponto de inserção da poesia que é também um ponto de intersecção, centro fixo e vibrante onde se anulam e renascem sem trégua as contradições. Coração-manancial" (PAZ, 1982, p. 309-10).

João Guimarães Rosa lança mão de uma cartografia imaginária, demarca os limites do seu território ficcional para nele fazer caber o mundo, mais que isso, o universo. Atitude esta que não conduz à rejeição das origens de homem do interior, antes, potencializava-as: "o pequeno mundo do sertão, este mundo original e cheio de contrastes, é para mim o símbolo, diria mesmo o modelo de meu universo. Assim, o Cordisburgo germânico, fundado por alemães, é o coração do meu império suevo-latino" (ROSA, 1994, p. 31).

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

Local/universal, regional/nacional, tempo/espaço, Guimarães Rosa encurta, quando não, suprime estas fronteiras ao longo de suas narrativas, reordenando representações cristalizadas do espaço historicamente construído como sertão. Poliglota, médico, diplomata, sertanejo, rejeita a cartografia convencional em razão de traçados novos, territórios imaginários onde se espacializam suas estórias. De todo modo, não significa dizer que o espaço rosiano exista somente na imaginação; ao contrário, todas as estórias do escritor mineiro são calcadas no espaço, no *Gerais*, de tal modo que sua presença não constitui mero componente do cenário. A presença do meio físico adquire status de personagem, tamanha sua influência no transcurso dos acontecimentos. Já na primeira o autor nos remete para a dimensão física deste universo, contextualizado em termos geográficos, bem como, apontando certas idiosincrasias do contexto sócio-histórico do sertão:

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é para os campos gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazenda, almargem de vargem de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há (ROSA, 2001, p. 23-4).

Na sequência, porém, a constatação do transcendental. Palavra sertão comunica os vastos territórios, sentidos, intuídos ou visíveis: “O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho (...). O sertão está em toda a parte”. O sertão age, é o que parecem indicar as palavras de Riobaldo, narrador do *Grande Sertão*: “O sertão me produz, depois me engoliu, depois me cuspiu do quente da boca...”. Mais adiante, o espaço assume a dimensão sem dimensão, o ignoto: “Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas”.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

Na medida em que “povoa” sua narrativa com estilhaços desta Geografia real, o autor mineiro desarticula, contrai e refaz poeticamente sua travessia neste sertão, que reinventado, ora está “está dentro de nós”, como também se espraia “do tamanho do mundo”. Neste espaço relativizado, “a dureza geofísica do sertão perde o peso da referencialidade, para expressar uma realidade ambígua e heterogênea, ao mesmo tempo local e universal” (FANTINI, 2003, p.115).

Portanto, o sertão de João Guimarães Rosa incorpora o real e o imaginário, referindo-se tanto a um território demarcado, quanto à uma realidade subjetiva, existente apenas no plano da obra. Vale considerar as palavras de Antonio Candido a respeito de *Grande Sertão: Veredas*:

Parecia que, de fato, o autor quis e conseguiu elaborar um universo autônomo composto de realidades expressionais e humanas que se articulam em relações originais e harmoniosas, superando por milagre o poderoso lastro de realidade tenazmente observada, que é a sua plataforma (CANDIDO, 2006, p. 78-9).

De nomeação imprecisa, de igualmente imprecisos limites geográficos, o sertão se intui, se confirma parcialmente na experiência. “o sertão é a alma de seus homens” como sugere o próprio Rosa ao seu tradutor alemão. O sertão corresponde a realidade interior ao homem ou lhe toma por fora? Não há resposta que supra a questão. “O sertão acaba sendo caos ilimitado de que só uma parte ínfima nos é dado conhecer, precisamente a que se avista ao longo das veredas, tênues canais de penetração e comunicação” (RÓNAI, 1978, p. 156). Veredas que figuram no título suma do romance único rosiano, demarcando a ambiguidade característica do conjunto de sua obra. *Grande Sertão: Veredas*, onde Guimarães Rosa contrapõe e une a ideia de secura visualizada no grande sertão às veredas como sistema de águas, umidade na secura. O escritor estabelece a fronteira já no título, contornando o conhecível e o ignoto, o desconhecido. Ou como nos indica Paulo Rónai sob orientação direta de Rosa:

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

... o sinal -: - entre os dois elementos do título teria valor adversativo, estabelecendo a oposição entre a imensa realidade inabrangível e suas mínimas parcelas acessíveis. [...] E também, segundo me confirmou certa vez o próprio Autor, entre o inconsciente e o consciente (RÓNAI, 1978, p. 156).

Não por acaso, um dos principais temas de que se ocupa Rosa em estórias é a viagem. Seus personagens sondam e viajam para além das paisagens que os circundam; o caráter errante das suas personagens é validativo deste ponto. Em todo caso, a viagem é a viagem do eterno retorno ao sertão, tal qual se verifica com Miguilim em *Campo Geral*. Miguilim rompe com a infinidade horizontal do cerrado, mundo labiríntico e se lança em busca do conhecimento – leia-se no contexto da novela, o espaço urbano. Esta viagem à cidade lhe remedia de sua metafórica miopia ao tempo que lhe confere outra racionalidade. O fato que Miguilim não prevê reafirma as palavras de Riobaldo, “o sertão me produz, depois me engoliu...”. Miguilim há de voltar ao sertão, agora adulto, como Miguel, em outra novela. Retorno que marca a busca de um mesmo, perdido na experiência urbana. Miguel volta ao sertão em busca de respostas, sobre si e sobre esse sertão.

Guimarães Rosa soube perceber no tema das viagens a representação da ânsia do viajante pela procura, de Si ou de um Outro; até mesmo a busca de um mundo novo. A viagem aparece enquanto experiência de formação no transcurso da travessia, movimento de conexão entre a partida e o encontro. “Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 2001, p. 52). O movimento, a travessia, é tema importante em várias obras da literatura mundial, a exemplo da *Odisséia* de Homero, do *Dom Quixote* de Cervantes ou *d’A Divina Comédia* de Dante. De acordo com Bakhtin, “[...] rara é a obra que passa sem certas variantes do motivo da estrada, e muitas obras estão francamente construídas sobre o cronótopo da estrada, dos encontros e das aventuras que correm pelo caminho” (BAKHTIN, 1988, p. 223).

Em 1969, em ensaio intitulado “A viagem”, Benedito Nunes abordou o tema do espaço na obra de Guimarães Rosa. Nele, o autor explica que no caso do sertão rosiano, o espaço abre-se em viagem e nela ele se torna o mundo, em aprendizagem

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

de vida. Sabendo que para Rosa o sertão é o mundo, é universal, pode ser todo e qualquer lugar, ele congrega o perto e o longe, “o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver” (NUNES, 1969, p. 174). Existir e viajar conjugam-se nas estórias do escritor, expedientes fundamentais para a formatação de seus personagens enquanto possibilidade de abertura ao espaço natural e ao próprio indivíduo; *viagem-travessia* que em maior parte dos casos dá-se para fora do espaço de origem. Todavia, numa convergência cíclica, travessia sempre para dentro do sertão, seja em sua condição de universalidade como espaço originário, seja para dentro do próprio homem, num movimento de autodescoberta. Afirmando a condição de conflito existencial e moral Marli Fantini assevera que “a viagem rosiana perde, dessa forma, os contornos de um mero deslocamento, de uma simples itinerância, para potencializar-se um sentido metafórico” (FANTINI, 1996, p. 161).

O sertão, o espaço põe lastro para as andanças por meio das quais os personagens se revelam. Praticamente todos assumem a viagem em algum sentido, sendo tudo viagem pelos Gerais, a exemplo da própria narrativa. Benedito Nunes, ainda em ensaio acima referido, deixa claro que a condição em si de sujeitos do campo, da vida rural dos personagens lhes condiciona a uma existência andarilha, tal qual vemos ocorrer no conto “O burrinho pedrês”, do livro *Sagarana*, onde a qualidade de vaqueiros em que os personagens se encontram confere aos mesmos a imposição da viagem como cerne do trabalho: têm de viajar para levar o gado² (Cf. NUNES, 1996, p. 253).

² Sobre esta condição aneja dos homens do campo, sabemos que em sua maioria, o contingente camponês vivia de trabalhos esparsos, o que eventualmente reduzia ao mínimo seus rendimentos; daí decorrem concomitantemente uma alimentação insuficiente, bem como uma organização social precária. Socialmente ignoradas e silenciadas pelos grandes potentados locais, foram sempre tratadas como arraia-miúda, escravos requisitados ocasionalmente. De tal forma esse evento se revela, que não fica difícil imaginar o por quê da grande mobilidade verificada nos homens pobres do meio rural, onde os laços que os prendem ao lugar são fundamentalmente frágeis. A literatura rosiana é exemplar desta condição: “Quem é pobre, pouco se apegas, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d'angola, como todo mundo faz?” (ROSA, 2001, p. 58). A resposta vem na precisa formulação de Guimarães Rosa para a condição da plebe rural brasileira: “Quero criar nada não...” — me deu resposta... 'Eu gosto muito de mudar...” (ROSA, loc. cit.).

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

Se na ficção rosiana os sertanejos assumem a posição de “centauros” andantes, transpondo caminhos e fronteiras, fora da ficção, a viagem torna-se experiência de espaço do próprio escritor, servindo de anteparo para a construção dos tipos e paisagens do sertão. Com o intuito de observar e colher ao vivo elementos para suas estórias, Guimarães Rosa fez algumas viagens de documentação pelo interior do Brasil, não apenas pelo sertão de Minas, mas também pelo Pantanal mato-grossense e sertão da Bahia entre 1947 e 52, sempre tomando nota em suas cadernetas inseparáveis. Sendo assim, a ficção produzida tem saldo com viagem, possibilitadora do contato com a terra, seus sons e odores. Fora esse contato com a terra, somado a afetividade primeira com o lugar sertão, que movera Guimarães Rosa em sua atividade literária.

Tanto *Corpo de Baile*, uma de suas principais obras, quanto *Sagarana*, seu livro de estreia, guardam certa intimidade com a experiência da viagem e suas notas. Sandra Guardini já havia chamado a atenção para a atitude de viajante incorporada por Rosa, evento fundamental para a construção do solo sertanejo que abrigou suas estórias.

[...] a famosa viagem pelos gerais em 1952 que, além de promover o reencontro de Rosa com o universo dos vaqueiros que havia se tornado familiar a ele quando criança graças às histórias de boiadeiros e jagunços que lhe narrava seu pajem Juca Bananeira, rendeu ao escritor as novelas do ciclo reunido e publicado com o título geral de *Corpo de Baile*. Enquanto *Sagarana*, desde sua primeira versão como *Sezão*, pronta já em 1937, se constituiu em grande parte de materiais organizados pelo trabalho da memória, a convivência com os homens do sertão que o conduziram em comitiva da Fazenda Sirga, de seu primo Chico Moreira, até Araçá pôs Rosa em contato direto com as tradições daquela comunidade rural, com suas quadras, cantos, danças, histórias, provérbios, que o autor soube, como poucos, incorporar ao tecido de suas narrativas (VASCONCELOS, 2008, p. 382).

Esse trânsito entre elementos culturais e mundividências de procedências diversas, bem como, a perspectiva do deslocamento que a viagem lhe confere garantiram ao escritor mineiro essa possibilidade de narrar nas fronteiras. Quem nos diz é Marli Fantini:

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

A viagem por muitas geografias, o convívio com diversas culturas, o conhecimento de várias línguas, são indubitáveis fatores a intervir no enfoque fronteiriço privilegiado na obra ficcional desse escritor, sobretudo no que diz respeito ao desdobramento da perspectiva frente às diferenças culturais (FANTINI, 2003, p. 122).

Este trânsito entre culturas e mundos distintos, não como mero observador, mas, como participante, formata um espaço novo, imaginado como possibilidade de congregar valores a princípio divergentes. Portanto, o espaço geo-simbólico pensado pelo escritor mineiro se propõe a enfrentar o problema das tensões e dualidades, característicos da formação cultural brasileira. Espaço que se abre à travessia do homem humano, “um espaço que todos nós atravessamos sem atravessar” (FINAZZI-AGRÒ, 2002, p. 126).

Mesmo em face das opções linguísticas e formais/estilísticas próprias ao poliglotismo do autor mineiro, os arcaísmos (vestígios verbais que atravessam a língua) e os neologismos (flexibilização dos protocolos linguísticos, das maneiras de dizer) neste modo singular de dramatização da fala popular, o alargamento das fronteiras, bem como, a mescla de referências culturais, permitem a travessia, o intercâmbio de uma margem a outra das culturas; ou ainda se localizar numa margem terceira, espaço de tensão, distanciado do próprio lugar, ocupando uma outra margem.

Em Guimarães Rosa, o mundo do sertão não é visto de fora e de longe, tampouco, como objeto inanimado, como realidade fugaz e epidérmica. Ele é recriado e representado artisticamente como um complexo de relações sociais, de dramas humanos, de elementos do imaginário. A ação e a reação das personagens diante de situações criadas, cujos destinos e perspectivas inserem-se em realidades socialmente determinadas, abarcam componentes de universalidade, expressos em indivíduos singulares, vivenciando situações particulares. Nesse movimento de criação e representação, o sertão passa a ser o mundo. O sertão figura enquanto símbolo do universal em sua obra, porque ali os paradoxos da dúvida e (des)razão se enfrentam abertamente. Por isto mesmo é que o “Sertão é uma espera enorme”, um “espaço

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

caótico... região/razão bastarda, para o qual não existem fronteiras certas” (FINAZZI-AGRÒ, 2002, p. 127).

Signo e síntese de diversidade geográfica, histórica, cultural e simbólica, o Sertão de Guimarães Rosa conjuga o real e se faz metáfora para expressar uma brasilidade que se costura lentamente em território nacional. Razão pela qual Custódia Sena (1998) considera este sertão menos uma coisa sobre a qual se pensa e mais uma coisa através da qual se pensa. Desse modo, o sertão pode admitir a condição de categoria de pensamento coletivo ou como nos informa Sena, recuperando o pensamento de Marcel Mauss, categoria *inconsciente do entendimento*:

Situadas no plano do inconsciente, essas categorias operariam como princípios-diretrizes do pensamento, viabilizando ou tornando possível esse próprio pensar. Presentes na linguagem, mas de forma não explícita, por representarem um excedente de significação potencialmente aplicável a uma gama variável de conteúdos simbólicos (SENA, 1998, p. 26).

Categorias como essa concorrem para o universal e o particular concomitantemente, na medida em que oferecem variadas possibilidades de abstração de ideias de um lado, ao passo que são circunscritas por pertencerem a uma cultura determinada de outro. Urde a possibilidade mesma do universal se exprimir via o específico-particular.

Para Wille Bolle, (1998), o sertão é uma forma de pensamento na medida em que possibilita a conversão de uma imagem que remete ao arcaico em uma imagem dialética ou histórica, dotada de teor político e histórico. Desse modo, a noção de sertão pode assumir a condição de representação coletiva necessária para pensar o processo de constituição de nossa nacionalidade.

II

Ao que costumeiramente tratamos como Pátria, tendo em função disso a convicção de um todo pleno de significância, assume num escritor como Guimarães

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

Rosa sentido deveras distante daquilo que é comum, que fora caminho assumido por uma gama de escritores empenhados em fundar a nação. O termo paradoxo lhe serve bem nesse contexto, pois, o emaranhado textual de múltiplos sentidos e localização inconstante que é a narrativa do autor mineiro inviabiliza qualquer procedimento de análise que almeje encontrar uma mão única, o centro para o qual convergem os significados ou estruturas formais da escrita. Em Rosa, o centro do discurso é rasurado e difuso. Do desejo de tocar um projeto de nação há que se somar a percepção de uma realidade complexa, dotada não de um centro, mas, de vários; daí que a prática artística de Rosa encara o espaço nacional como algo perenemente questionado, ao qual se agarra e foge a cada lance de vista. Sua capacidade de dizer o País se direciona segundo uma dialética imperfeita entre local e global, território e mundo, haja vista que seus narradores ocupem sempre as margens, os confins entre a norma e o desvio, se posicionando em locais diversos a cada torneio narrativo. A pátria está no “entre” os extremos, no exílio, sempre partindo, avessa a qualquer correspondência imediata. É o exato que se verifica no conto *A terceira margem do rio* do livro de contos *Primeiras histórias* (1962), narrativa de um homem comum, como outro qualquer, que repentinamente manda construir uma canoa e passa a viver nela, quebrando, com este gesto, as regras de sua sociedade, os padrões vigentes e entrando na categoria do diferente:

Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente (ROSA, 1994, p. 421).

Negando-se a assumir qualquer margem específica, o pai (a pátria?) assume a vida no rio como travessia infinita de algo ou alguém desinteressado em alguma parte, querendo talvez um todo “inessencial”. A atitude paterna sugere a inserção no entre lugar, no não lugar indicado pela referência a uma “terceira” margem.

O conto rosiano não apresenta elementos que garantam uma definição para a família, sabe-se que gozavam de alguma prosperidade devido à referência a suas

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

posses, uma fazenda e alguns negócios; desse modo, a necessidade de subsistência ou de trabalho mais específico não fica claro. A descrição do restante da comunidade também conduz a indefinição, pois que viviam entre um “pessoal nosso” que acompanhou o exílio do pai daquela família participando efetivamente ao “acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava” (ROSA, 1994, p. 421), assim como indiretamente, no proceder de questionar as razões que levaram o pai a tomar tal atitude e permanecer entre as margens do rio a bordo da canoa, sem, no entanto, dirigir-se a parte alguma. O evento impensado e fora de propósito no âmbito da comunidade interfere na rotina dos circundantes, especificamente da família, relutante em admitir talvez um acesso de loucura no pai; em todo caso, mesmo em face da incompreensão gerada, dedicam-se por algum tempo em provê-lo do básico. O filho, também narrador, cuida para que não falte alimento, deixando-os em uma das margens; quanto às roupas, são deixadas à medida da necessidade. Nesse interim cuidam em manter o curso normal de suas vidas a revelia da “acontecência”. O casamento da filha e o nascimento do neto não são suficientes para demover o pai da sua travessia sem fim, nem lugar, fato que marca a desagregação plena da família. Filha, neto e esposa abandonam o lugar, o outro filho ruma para a cidade, sobrando tão somente o narrador, incapaz de outra atitude que não estar ali, sorvido àquela realidade, como que encarnando o papel de herdeiro de uma missão: “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” (ROSA, 1994, p. 423). Detêm-se na margem enquanto o pai navega o rio, sem se saber onde ele realmente está. Desse modo, o Pai toma conta do cenário narrativo, do imaginário, e se torna presente pela ausência.

A ausência de referenciais mais detalhados, informações sobre os personagens, indicações de local, datas ou nomes confere ao conto uma generalidade muito peculiar, na medida em que impossibilita qualquer conexão específica com um contexto histórico; sendo assim, a articulação que parece urdir não pretende um relato localizado, ou mesmo inventariar a estória de um grupo particular de pessoas,

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

antes, a generalidade da narrativa aponta para uma realidade disjuntiva de elementos dados a priori, bem como, enseja a necessidade de totalidade em que se mistura “em todos os níveis o real e o irreal, o aparente e o oculto, o dado e o suposto” (CANDIDO, 2006, p. 125).

A leitura do conto põe em cena o desejo feito narrativa da descontinuidade espaço-temporal; como opção estética e política, Rosa urde seu texto para superar meros pares de oposição e, conseqüentemente, os sentidos e verdades fixas que escapam desses pares; a terceira margem contorna o trajeto que desloca o previsível e usual binarismo em direção ao que é transbordamento, de lugar, de sentidos. Portanto, não se alude à margem esquerda ou direita, nem se trata de harmonizar – no sentido de suprimir diferenças – espaços conflitantes, mas de uma configuração que deve conter ambos os lados, estar fora deles, em toda parte e dentro de cada um (Cf. RIBAS, 2011, p. 73).

De fato, as narrativas rosianas não apenas deslocam o centro de percepção, como vão aos goles minando qualquer referência sistemática, dispersando paradigmas autocentrados. Os textos estruturam e incorporam em profundidade a condição ambígua, a hesitação entre duas dimensões de sentido, remetendo para uma região/razão híbrida que questiona toda a conotação de verdade aparente. “Espacialização infinita da dúvida”, os textos rosianos agenciam um pensamento heteróclito que está sempre aquém de absolutas respostas, tornando evidente a presença deste espaço de hesitação e trânsito, onde o elemento nacional se agarra sem se prender; um lugar em que a complexidade do tecido narrativo faz ler o problemático enredo da “desrazão” a partir do qual se refletem e se cruzam as dúvidas sem solução sobre o Brasil.

Um País perenemente suspenso entre a afirmação de mil pátrias, entre universalismo e particularismo, entre cidade e interior, entre progresso e atraso, entre autonomia e dependência, entre primeiro e terceiro mundo, e que o escritor deixa, justamente, boiar nessa indecisão, nesse entrelugar (FINAZZI-AGRÒ, 2001, p. 102).

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

A coerência da narrativa rosiana consiste na indeterminação do ser da Nação, não sendo una, podendo ao contrário ser múltiplice – as interpretações sobre o Brasil dão conta disso –, podendo caber na grandeza do sertão, na imobilidade marginal do narrador-filho no conto *a terceira margem* que permanece na margem por toda a vida esperando o outro que não torna; o pai que se ausenta estando ali, porém “ilocalizável”, em margem nenhuma. Guimarães Rosa desvirtua as hierarquias espaciais, interditando os sentidos atribuídos do aqui e do ali, do interior e do exterior, do longe e do perto; o lugar pátrio e paterno (no caso do conto) adquirem conotação virtual, existe para todas as determinações do espaço (as contem), porém, sempre em trânsito, sem lugar (como o pai no conto). Assim confirma o narrador em *Grande Sertão: Veredas*, “o sertão é *sem lugar*”, isto é, a-tópico. Tal como se nos apresenta no conto rosiano da *terceira margem*, a pátria está na sua ausência, na constatação de uma falta. A nacionalidade só funciona em razão de um vazio que se instala, criando, contudo, o lugar da margem, daquele que espera e projeta sentidos na medida em que medita sobre a falta.

Essa terceira margem na narrativa rosiana, figurada como espaço simbólico que engendra os demais, é o Brasil mirado no Sertão e, por sua vez, o sertão como metonímia do mundo. Mais que pensar o país pela lente da região, o autor mineiro estende a dimensão regional do sertão ao alcance do universal, expressão num espaço-tempo global. Atitude essa que denota a intenção – política – de fazer coexistir duas dimensões (imagens/ideias) de Nação divergentes entre si, sem, contudo, anular-se uma a outra. A primeira, conectada à

[...] visão histórica de um Brasil-arquipélago, composto por junção de diferentes tradições ou de realidades distintas (raciais, étnicas, geográficas...); a outra, considerando o País na sua totalidade ideal e, ao mesmo tempo, característica, que o coloca, como identidade única e incontrovertível, como espaço-tempo continental, no contexto histórico e sociopolítico global (Cf. FINAZZI-AGRÒ, 2001, p. 106).

Aparece aqui no horizonte de expectativa autoral a necessidade de captar a nação e dar-lhe resposta quanto a seus impasses históricos. A representação literária

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

rosiana configura uma imagem da nação onde as incongruências sócio históricas possam dialogar sem se anular. Uma noção de Pátria como pai, mediador entre instâncias divergentes do território, entre margens opostas. Assim, a comunidade imaginada assume em Guimarães Rosa a possibilidade ideológica de convívio político entre ordens de sentido divergentes. Lançando mão de uma palavra que funciona como sùmula da obra do escritor mineiro, *travessia*, temos que o nacional em Rosa é aquilo que faz funcionar qualquer dinâmica espaço-temporal, sendo, portanto, o entre lugar, o (inter)dito entre local e global, sertão/interior e litoral/cidade. Aquilo que preserva toda Diferença e abre espaço para reinvenção dos sentidos e pertencimentos por consistir numa ausência eventual, numa passagem que, pela própria condição não interdita, mas abre espaço para o que pode vir a ser.

Retomando a estória rosiana narrada em *A terceira margem do rio* podemos constatar que o personagem paterno, sem nome, bem como, ocupando um espaço fronteiroço estabelece com sua atitude aparentemente desatinada a visibilidade e resistência que aquela posição mediana requeria representar a Pátria, de modo que “essa figura pode com facilidade ser interpretada como uma metáfora não apenas filosófica, mas também ou, sobretudo histórica e política do Brasil” (FINAZZI-AGRÒ, 2001, p. 109).

A terceira margem rosiana sugere um espaço de diálogo que fomente o paradoxal equilíbrio, onde, ao contrário da lógica tradicional de Estado-nação como um todo homogêneo, se considere a nação naquilo que possui de heterogêneo e diferente. Construir uma história, pensar os meandros de uma cultura partindo da percepção da falta constituinte, do vazio histórico faz todo sentido quando se abandona o discurso da unidade e homogeneidade em proveito de uma configuração narrativa pautada na heterogeneidade e na diferença, imaginando os elementos constituintes da história e cultura nacionais sem a pretensão de lhe descortinar qualquer coerência, continuidade lógica ou Início aparente “— que não existe ou que, pelo menos, nunca está aí onde a procuramos —, mas considerando os eventos na sua dispersão, na sua singularidade e na sua irreduzibilidade ao Uno da metafísica historicista” (FINAZZI-AGRÒ, 1999, p. 10-11).

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

Arriscamos tocar na dúvida e meditar a falta para pensar nos limites, tendo em vista que o problema da divisão e das margens constituiu um verdadeiro projeto estético-político para Guimarães Rosa, fazendo-o não só projetar em suas representações temas e discussões do pensamento social, como também se colocando ele próprio na condição daqueles “intérpretes do Brasil” enfáticos quanto ao valor simbólico e histórico da noção de Fronteira, do vazio significante na construção da identidade nacional. Em Guimarães Rosa, pensar o sertão enquanto espaço simbólico de fronteira – *terceira margem* – significa configurar o ajuste entre região e mundo, cidade/interior e sertão/interior como metáfora do espaço-tempo nacional.

Atualmente, considerando a intensidade das trocas culturais e a mobilidade das fronteiras, os textos de fôlego conservam a força de ser um referencial social. De divulgadores e formadores de um sistema de representação cultural, que no caso de Guimarães Rosa, é costurado como um sistema de representação cultural híbrida. Podem se configurar em dois níveis: como um sistema aprisionante, pela representação rígida que estabelecem, esterilizando o potencial cultural, como podem oferecer vazão a todo potencial criativo de um povo.

Guimarães Rosa reinventa um país contrastante; ilumina com a linguagem o povo sertanejo, mais do que isso, faz com que as pessoas do povo dominassem a própria voz, obra de seus narradores marginais. Viabilizando a troca, o trânsito, Rosa mergulha nas falas e valores do povo, fazendo saltar aos olhos o que talvez se quisesse relegar ao esquecimento. Essa postura de equilibrar contrários em meio a um país que se costura lentamente fez Rosa despontar aos olhos críticos de Ángel Rama que o considerou, pois, um mediador entre duas esferas culturais desconectadas: o interior-regional e o exterior-universal.

O pressuposto ficcional dessa tensão entre ordem e desordem, urbano/civilizado e rural/bárbaro iniciado já nos tempos da República Velha, ganha contornos mais nítidos na mente de Rosa, se pensarmos no contexto brasileiro da década de 50, em que os temas da modernização do país e do desenvolvimento que se quer levar ao interior tornam-se constantes no cotidiano político nacional. Dessa maneira, o contexto nacional antepunha estas questões ao escritor que as converte em narrativa

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina

Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

épica, alegorizando os receios e esperanças face à incorporação do sertão e do conjunto do Brasil à modernidade.

Referências bibliográficas

Fontes

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, v.I e II, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Bibliografia

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: HUCITEC/UNESP, 1988.

BOLLE, Willi. *O Sertão como forma de pensamento*. **SCRIPTA. Revista de Literatura do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da Puc Minas**, v.2, n.3, Belo Horizonte, p.259-271, 2º semestre de 1998.

CANDIDO, Antônio. *O homem dos avessos*. IN **Tese e Antítese**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

FANTINI, Marli. *Mudança de mapa, mudança de território na comunidade imaginada de João Rosa*. **Revista de Estudos de Literatura**. Belo Horizonte, v. 4, págs. 159-168, out. 1996.

FANTINI, Marli. **Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens**. São Paulo: Senac/Ateliê, 2003.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. *Geografias da Memória: A Literatura Brasileira entre História e Genealogia*. In: **Anos 90**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, nº 12, p. 07-16, dez/1999.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. **Um lugar do tamanho do mundo: tempos e espaços da ficção em João Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

NUNES, B. *A viagem*. In **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Esripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com

Demetrio, Everton

O sertão está em toda parte? Sertão e nacionalidade em Guimarães Rosa

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Trocas na margem: quando navegar é (im)preciso*. In: **LEITURA EM REVISTA** Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, n.2, abr., 2011. Disponível em: [http://www.leituraemrevista.com.br/2/PDF/06 Trocas na margem.pdf](http://www.leituraemrevista.com.br/2/PDF/06_Trocas_na_margem.pdf). Acesso em 22 de fevereiro de 2014.

RÓNAI, Paulo. *Trajetória de uma obra*. In **Seleção de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

SENA, Custódia. *A categoria sertão*. In **Sociedade e Cultura. Goiânia**. Vol. 1, n. 1, 1998.

VASCONCELOS, Sandra Guardini T. *Vozes do centro e da periferia*. In **A poética migrante de Guimarães Rosa**/Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Escripturas

Revista Eletrônica de História da Universidade de Pernambuco/campus Petrolina
Volume 1, Número 1, pp. 109-126, 2017

ISSN: 2526-6543

www.revistaescripturas.com